

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CONGADA: Manifestação da Cultura Popular em Urutaí-GO

MÁRCIA PEREIRA DA SILVA

PIRES DO RIO – GO
2018

MÁRCIA PEREIRA DA SILVA

CONGADA: Manifestação da Cultura Popular em Urutaí-GO

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Goiás, Campus Pires do Rio, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História, sob orientação da Prof^o. Dr. Eduardo Soares de Oliveira.

PIRES DO RIO - GO
2018

MÁRCIA PEREIRA DA SILVA

CONGADA: Manifestação da Cultura Popular em Urutaí-GO

Monografia submetida à Comissão Examinadora como requisito indispensável para a obtenção de grau de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Goiás, UnU de Pires do Rio (GO).

Pires do Rio ____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Eduardo Soares de Oliveira (Orientador)
Universidade Estadual de Goiás – UEG – Câmpus Pires do Rio

Dr. Marajá João Gonçalves Filho
Universidade Estadual de Goiás – UEG – Câmpus Pires do Rio

Esp. Ubiratan Paulo Galli Vieira
Universidade Estadual de Goiás – UEG – Câmpus Pires do Rio

Dedico a Deus meu protetor e amigo por me acolher nas horas mais difíceis, por me dar força e paciência e sabedoria. Dedico meus netos Eloah, Kawe, Sophia meus netos que tanto amo. Dedico a todos que confiaram no meu esforço e capacidade. Dedico a minha ex professora Neuza Vaz que por força maior não pode estar presente na minha banca. Obrigada Senhor Deus por tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por ter me concedido essa oportunidade de chegar onde cheguei, agradeço meus filhos Jenny Silva Jorge, Anderson Luiz Silva Jorge, Erika Silva Jorge e Matheus Wender da Silva Reis e aos meus pais que sempre confiaram no meu esforço. Quero agradecer meu orientador pelo tanto que fez por mim e minha parceria de jornada Fernanda Lino de Andrade pelo seu apoio e amizade.

As portas do espírito só se abrem à
perfeita sinceridade de propósitos.

Olavo de Carvalho

RESUMO

Este trabalho monográfico visa o estudo da história das congadas na cidade de Urutaí Goiás, demonstrando como essa festividade faz parte da cultura popular dos cidadãos deste município e daqueles que vão prestigiá-la, por isto a importância de sua perpetuação para outras gerações. Evidencia-se que a memória cultural de um povo é muito importante para a preservação da sua história e de sua identidade e com isto, falar da festa, demonstrar como ela surgiu, como está inserida na cultura desses cidadãos é uma maneira de também valorizá-la e difundir conhecimentos para aqueles que não a conhecem ou não compreendem os fatores histórico-sociais por trás das mesmas. Esta festa foi trazida para o Brasil por afrodescendente em um ritual marcado por canto, músicas e uma dramatização teatral que foi logo integrada à igreja Católica. Assim pretende-se analisar o valor da festa das congadas na cidade de Urutaí demonstrando como ela surgiu, quem faz parte dessa festa e o que ela representa na cultura desta cidade. Duas metodologias diferenciadas foram utilizadas nesta pesquisa, a revisão bibliográfica baseada em autores como Silva (2008), Mattos (2007), Cascudo (2003), dentre outros. Após as discussões ficou claro que as congadas representam a história e a cultura de muitas pessoas no município de Urutaí, pois envolve a questão da fé, socialização com os amigos, uma prática cultural já antiga e que faz com que as pessoas desenvolvam um sentimento de identidade em relação ao lugar e a essa prática, por isto tão valorizada pelos cidadãos dessa cidade.

Palavras-chave: Congada, Urutaí, terno, cultura, afrodescendente.

ABSTRACT

This monographic work aims to study the history of congadas in the city of Urutaí Goiás, demonstrating how this festival is part of the popular culture of the citizens of this municipality and those who will honor it, for this the importance of its perpetuation for other generations. It is evident that the cultural memory of a people is very important for the preservation of its history and its identity and with this, to speak of the party, to demonstrate how it came about, how it is inserted in the culture of these citizens is a way to also value it, and disseminate knowledge to those who do not know it or do not understand the historical-social factors behind them. This party was brought to Brazil by Afrodescendant in a ritual marked by singing, music and a theatrical dramatization that was soon integrated into the Catholic Church. In this way we intend to analyze the value of the feast of the congadas in the city of Urutaí demonstrating how it emerged, who is part of this party and what it represents in the culture of this city. Two different methodologies were used in this research, the bibliographic review based on authors such as Silva (2008), Mattos (2007), Cascudo (2003), among others. After the discussions it became clear that the congadas represent the history and culture of many people in the municipality of Urutaí, because it involves the question of faith, socialization with friends, an old cultural practice that makes people develop a sense of identity in relation to the place and practice, so valued by the citizens of that city.

Keywords: Congada, Urutaí, suit, culture, Afrodescendant.

LISTA DE FOTOS E FIGURAS

Figura 1: Celebração da Festa de Natal	22
Figura 2: Festa de São João.....	22
Figura 3: Festa do Bonfim	23
Foto 1: Bandeiras dos Santos reverenciados nas festas.....	32
Foto 2: Foliões pelas ruas.....	33
Foto 3: Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....	36
Foto 4: Terno dos Congos	36
Foto 5: Presença de Imagens de Santos Católicos carregados pelos congos.....	37
Foto 6: Imagem da missa e dos ternos com seus batuques.....	38
Foto 7: Princesas dos Ternos nos Congos.....	38
Foto 8: Rei Miguel.....	39
Foto 9: Despedida dos ternos.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A HISTÓRIA CULTURAL E AS FESTIVIDADES BRASILEIRAS.....	13
1.1 A História Cultural.....	13
1.2 As Festividades Brasileiras	19
2 AS CONGADAS DE URUTAÍ - GO.....	25
2.1 A Origem das Congadas	25
2.2 As Congadas em Goiás.....	30
2.3 A Festa das Congadas em Urutaí – GO.....	31
LISTA DE FONTES.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

As congadas é uma festividade que existe em vários estados brasileiros, entre eles Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Goiás. Essa festa toma conta das ruas das cidades, levando aos participantes e expectadores danças, músicas, religiosidade e cultura. As irmandades organizam-se relembrando o passado e exaltando suas crenças, fazendo-se presente na história e nas culturais locais (MONTEIRO, 2016). Entre os municípios goianos onde essa festividade é mais presente e importante está Urutaí (GO), onde anualmente os dançadores de congos vão as ruas mostrar sua cultura e fé.

O interesse nesta pesquisa nasceu ao observar a importância cultural da festa da congada na cidade de Urutaí. Ao perceber o entusiasmo dos cidadãos da cidade com a organização da festa e a realização da mesma, como historiadora percebia necessidade de registrar para um futuro a história desta festividade e sua importância na cultura e identidade local.

A partir dessas considerações, a pesquisa terá como problemática “qual o significado das congadas para a população da cidade de Urutaí?” Para responder a questão proposta foi utilizada como fonte a oralidade, ou seja, forma feitas entrevistas com moradores da cidade, pessoas que participam direta e indiretamente da festa, análise de bibliografias sobre o tema e documentos que retratem essa questão.

A pesquisa demonstra-se importante no sentido de que todas as culturas devem ser valorizadas, pois elas juntam auxiliam na composição de uma sociedade que é diversa e que precisa ser respeitada em suas individualidades. Quando se abre espaço para falar das congadas, possibilita-se que outras pessoas conheçam essa festividade e o que ela representa para as pessoas que participam da mesma, assim como para aqueles que vão prestigiar a festividade, possibilitando uma perpetuação dessa cultura dentro da sociedade.

Nesse aspecto os objetivos propostos para a pesquisa é compreender a importância das congadas para a população de Urutaí (GO) e para isto pretendeu-se também registrar a origem das congadas; compreender a importância dos rituais representados de maneira teatral com uma forma de resgate cultural e investigar a origem das congadas na cidade de Urutaí e sua importância cultural desta festa para

a população local, especialmente para aqueles que participam das danças e representações.

Em relação ao uso da conta oral e dos documentos, Meihy e Holanda (2007) consideram que a história oral tem o poder de transformar os objetos de estudo em sujeitos, enriquecendo a, transformando-a em algo mais vivo. Ela é capaz de evidenciar a construção dos atores em relação a sua própria identidade, relacionando passado e presente. Com isso se mantêm o processo histórico com o surgimento de novos fatos e novas perspectivas, assim os autores propõe que:

No trabalho dos historiadores, no sentido secundário das formas criadas por esta investigação, são as memórias e recordações de gente viva sobre seu passado que buscam valorizar dois elementos, memórias e recordações na reconstrução dos fatos e por tanto da história. (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.35)

A história oral tem o poder de transformar os objetos de estudo em sujeitos, enriquecendo a história, transformando-a em algo mais vivo. Ela é capaz de evidenciar a construção dos atores em relação a sua própria identidade, relacionando passado e presente. Com isso se mantêm o processo histórico com o surgimento de novos fatos e novas perspectivas.

Alberti (2004) comenta que ao se fazer uma entrevista, se estabelece uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e opiniões também diferentes, que tem em comum ou interesse por determinado tema, por determinados acontecimentos do passado (ALBERTI, 2004, p. 183). Dessa forma, o entrevistador e entrevistado constroem juntos a história. Não sendo importante a formação escolar dessas pessoas a serem entrevistadas, mas sim os conhecimentos e a vivência sobre o assunto que elas podem acrescentar a pesquisa.

Como mencionado anteriormente, utilizar-se-á também, alguns documentos escritos, entre eles a carta do senhor Antônio Teixeira Duarte (José Padeiro) em 1920. É necessário discutir o recurso desse tipo de documento para a produção do conhecimento do Historiador. Recorrer-se, então, a leitura de cartas como fonte, “solicita do historiador os procedimentos da crítica documental, que são usualmente empregados a toda documentação escrita” (PINSKY, 2009, p. 204). Lembra-se que para a presente pesquisa utilizou como fontes além da carta,

as entrevistas, no entanto, as referidas foram analisadas levando em consideração as observações dos autores mencionados no decorrer da metodologia.

Esta pesquisa foi de grande importância para criar um vínculo com a história de Urutaí, estimulando cada vez mais a cultura a ser preservada e passada de geração em geração e garantindo futuras pesquisas acadêmicas. Saindo do conto oral para o conto escrito, ficando assim a história local registrada.

Assim, propõe-se uma pesquisa estruturada em dois capítulos principais: o primeiro busca discutir a história cultural e as festividades brasileiras, demonstrando como estas festas fazem parte da história e da cultura do país, como são representativas para a população e como proporcionam também a valorização das diversidades existentes dentro da sociedade.

No segundo capítulo busca-se fazer um resgate histórico sobre a origem e importância das congadas, como essa festa surgiu na cidade de Urutaí, quem são as pessoas que dela participam, qual a importância de sua prática no cotidiano destas pessoas assim como para sua cultura e identidade local.

1 A HISTÓRIA CULTURAL E AS FESTIVIDADES BRASILEIRAS

Neste capítulo pretende-se traçar algumas considerações em torno do que é a História Cultural, a importância das festas na cultura de um povo e como a cultura também é um elemento importante na constituição e na identidade de uma sociedade.

1.1 A História Cultural

A História Cultural é uma das várias modalidades da História desenvolvida no decorrer do século XX e tem como uma das principais características as inúmeras possibilidades que oferece ao historiador. De acordo com Barros (2003, p.01):

A História Cultural – campo historiográfico que se torna mais preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX, mas que tem claros antecedentes desde o início do século – é entre estas particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento.

Quando se fala em História Cultural ela representa um campo do saber historiográfico ligado diretamente ao conceito de cultura, porém, este é um conceito muito amplo e diverso e quando se fala na atualidade é preciso considerar que o século XX trouxe novas abordagens para esse conceito, trazendo ao mesmo algumas diferenciações em relação ao que se pensava sobre o mesmo no século XIX e por isto tornando-se uma área muito mais abrangida e de interesse dos pesquisadores.

Antes de aprofundar essa discussão, porém, é preciso atentar para o conceito de cultura, onde de acordo com Barros (2003) considera que o apego a um conceito restrito de “cultura” faz pensar que os historiadores do século XIX o tratavam como o conjunto de manifestações culturais que eram expressos na cultura popular, mas havia uma total ignorância sobre o que era produzido pelo homem dentro da cultura – especificamente quando se fala de cultura imaterial. Isto quer dizer que qualquer pessoa é capaz de produzir cultura, não necessitando ser um intelectual, ou um artista, por exemplo. Sobre isto o autor enfatiza que:

própria linguagem, e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam esta noção mais ampla de Cultura. “Comunicar” é produzir Cultura, e de saída isto já implica na duplicidade reconhecida entre Cultura Oral e Cultura Escrita (sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu ‘modo de vida’) (BARROS, 2003, p.01).

A cultura está associada a diversos elementos no cotidiano do homem, ora tratada como algo ligado a sua educação, ora as manifestações artísticas, atualmente muito ligada aos meios de comunicação como a internet e televisão e ainda retratando festividades, tradições e crenças dos diferentes povos que ocupam o planeta (SANTOS, 2006). Nesse sentido, pode-se dizer que a cultura é algo popular, que precisa ser conhecida para que as particularidades de um povo também possa ser evidenciadas, analisando seu comportamento social.

Para Geertz (2008), por exemplo, a cultura é um processo que está, constantemente evoluindo, sendo algo muito rico e diverso, pois tanto envolve o processo de evolução dos grupos sociais, como também o aprimoramento de seus valores. De acordo com este autor “o estudo da cultura se tem desenvolvido, sem dúvida [...]. A ascensão de uma concepção científica da cultura significava [...] a derrubada da visão da natureza humana dominante no Iluminismo¹” (GEERTZ, 2008, p.25).

Na perspectiva de Santos (2006) a cultura pode variar de acordo com cada grupo humano. Esse é um termo amplo e com concepções diversas e diferenciadas. Para Tylor (1913 apud SANTOS, 2006, p.01) a cultura é “aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outros capacidade e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” e por isto, a cultura faz parte da sociedade, pois é ela que cria elementos que a representam e caracterizam. Para Santos (2006, p.21-22) a cultura está muito “associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se refletir unicamente as manifestações artísticas, como o teatro, a música, a

¹ O Iluminismo é um movimento cultural que se desenvolveu na Inglaterra, Holanda e França, nos séculos XVII e XVIII. Nessa época, o desenvolvimento intelectual, que vinha ocorrendo desde o Renascimento, deu origem a idéias de liberdade política e econômica, defendidas pela burguesia. O pensamento iluminista tem como fundamentos a crença no poder da razão humana de compreender nossa verdadeira natureza e de ser consciente de nossas circunstâncias. O homem, então, creía ser o detentor de seu próprio destino, formulando o racionalismo e contrariando as imposições de caráter religioso, sua “razão” divina de existir, e os privilégios dados à nobreza e ao clero – ainda predominantes à época (séculos XVII e XVIII) (MELLO e DOANTO, 2011, p.253).

pintura, a escultura”. Mas, o autor afirma que ela também pode ter outras concepções, uma vez que:

ao se falar na cultura de nossa época ela é quase identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então, cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. A lista pode ser ampliada (SANTOS, 2006, p.21-22).

Por isto, cada elemento presente no dia-a-dia das pessoas pode se tornar algo que pertence a sua cultura, suas diversas formas de se representar no espaço e no tempo, representações, envolvendo formas de vida, variando de acordo com o lugar e com o tempo histórico, ganhando novas características com o passar do tempo e também variando em nível de importância para a sociedade.

No seu livro “O que é cultura”, Santos (2006) considera que cultura é tudo aquilo que pode caracterizar a população humana e apresenta diferentes abordagens sobre esse conceito. A primeira delas refere-se aos aspectos da realidade social, e assim a cultura está ligada a elementos que caracterizam a existência social de um *povo* ou *nação*, e também pode referir-se a um grupo dentro da sociedade. A segunda abordagem refere-se a questão do conhecimento, do conjunto de idéias e crenças existentes dentro da vida social, assim liga-se ao conhecimento e as dimensões a ele associadas, onde a cultura estaria se referindo a uma esfera, um domínio da vida social.

De acordo com Thompson (1998) a cultura sofre constante influência do tempo, sendo modificada assim como a sociedade também é com o dia a dia. Dessa forma, ela ganha diferentes recursos, adapta-se aos espaços, e liga-se diretamente a realidade e ao dia a dia de cada grupo social. De acordo com o autor, a cultura também pode ser vista como uma “arena de lutas”, pois nem todas elas tem uma convivência pacífica e assim,

Uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, do dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um sistema. E na verdade o próprio termo cultura, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro de um conjunto (THOMPSON, 1998, p.17).

Isso quer dizer que as culturas interagem entre si, algumas pacificamente, outras nem tanto, o que faz com que existam conflitos. Mas, não há dúvidas como essas diversidades e diferenças são importantes, pois enriquecem a sociedade, demonstram diferentes valores, visões, formas de ocupação, de representação que não podem ser desvalorizadas ou hierarquizadas, devendo cada uma delas ser respeitadas em suas particularidades.

De acordo com William (1965 apud SILVA, 2011) a cultura tem ligação direta com cada grupo social, expressando sua *identidade*, demonstrando suas principais características, seja em relação a conhecimentos produzidos, rituais, símbolos, crenças, valores, enfim, a forma como esse grupo se representou e se apresenta ao mundo. Por isto,

Estudar o cultural correspondeu a colocá-lo em articulação com o todo social, trazendo à cena, de um lado, o acachapante peso da estrutura para a experiência humana, mas observando, de outro, que a própria experiência é o lugar da resistência às forças produtivas determinantes. Sendo assim, na dialética entre agência e estrutura, passou-se a enfatizar a “energia humana (WILLIAM, 1965 apud SILVA, 2011, p. 61)

Para Vannucchi (2008) a cultura representa as produções humanas, reflete sua história, seu desenvolvimento no espaço, a forma como o homem interferiu sobre o meio em que vive, criando rituais, dando origem a diferentes tipos de moradia, linguagens, vestimentas, obras de arte, entre outras questões. Vannucchi (2008) ainda apresenta o conceito de cultura com abrangência filosófica, afirmando que:

Significa que o homem não apenas sente, faz e age com relação à cultura, mas também pensa e reflete sobre o sentido de tudo no mundo. Quanto mais minuciosamente investiga os dados empíricos e as análises particularizadas oferecidas pelas ciências, mais o filósofo se convence de que o existir humano é essencialmente cultural. Em suma, os homens são seres culturais por natureza. (n.p).

Isto quer dizer que o homem é representado pela cultura que possui, e é isto que o difere de outras pessoas, assim como faz com que cada grupo social também seja diferentes um do outro, como é o caso de ciganos, indígenas, pessoas que vivem no campo, outras que tem a cultura urbana, enfim, cada um deles traz

consigo particularidades que os tornam diferentes e que precisam ser valorizados, pois são elementos que compõem sua identidade.

Atrelado ao conceito de cultura, existe também a cultura popular, ligada diretamente ao modo de ser e sentir, que faz com que cada povo seja diferente e tenha seu próprio patrimônio histórico e cultural. Assim seus aspectos sociais dizem respeito à sociedade como um todo e não a um grupo específico. Dessa forma, pode-se definir o que é cultura popular, que para Gullar (2002, p.23) é “antes de mais nada, consciência revolucionária”.

Para Silva (2009) a cultura popular não se restringe a um único grupo ou espaço e permite uma interação entre esses grupos, fazendo com que de um lado esteja a cultura homogeneizante e de outro a cultura dominante. Assim afirma que:

[...] cultura popular pertence tradicionalmente às classes mais pobres, o que não impede as suas infiltrações na cultura de massa e na “erudita”, que podem assumir ares popularescos em virtude desse efeito de “osmose” cultural; nesse sentido é que a cultura popular se define antes de tudo, “pela sua oposição {a cultura letrada ou oficial} [por outro lado, esta se define também] “pelas relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida”. (SILVA, 2009, p.34).

Diante destas conceituações é possível considerar que a História Cultural de acordo com Duby (1990) tem como objetivo estudar dentro de determinado contexto social os “mecanismos de produção dos objetos culturais” e quando se fala nisto pode-se citar qualquer tipo de objeto cultural e não apenas aquelas que são reconhecidas de forma oficial. Assim, o autor evidencia que a História Cultural não irá dar nuance apenas para os mecanismos de produção dos objetos culturais, mas também as formas como eles são recebidos, já que a forma como alguém recebe uma cultura, também é uma maneira de produzi-la.

Nos tempos antigos, a História Cultural era praticada de forma elitizada, tanto em relação aos sujeitos envolvidos quanto aos objetos. A noção de cultura ainda era muito restrita, e foi o avanço da reflexão antropológica. É preciso considerar que aquilo que se considerou como “lata cultura” ou que foi sacramentado pelos museus tenham deixado de ser interessante aos pesquisadores, ao contrário, de acordo com Barros (2003, p.02) “estuda-se a Arte e

Literatura do ponto de vista historiográfico muito mais do que nos séculos anteriores ao século XX”.

Há de se considerar que aos interesses históricos e culturais até então existentes somaram-se vários outros e de acordo com Barros (2003) essa possivelmente é a principal contribuição do último século para a História Cultural. Foi também a partir desse período que se passou a tratar a Cultura como um elemento comunicativo, e não uma referência a totalidade de bens que haviam sido produzidos pelo homem. Tal processo é considerado como de grande importância para essa área.

Barros (2003) considera também que outros temas passaram a ligar-se à cultura para enriquecê-la, citando a “linguagem” (comunicação), as representações e as “práticas” que se referem aquilo que o homem realiza em relação ao outro e ao mundo em que vive, incluindo tanto suas práticas discursivas como não discursivas. De acordo com o autor:

a tendência nas ciências humanas de hoje é muito mais a de falar em uma ‘pluralidade de culturas’ do que em uma única Cultura tomada de forma generalizada. Em nosso caso, como estamos empregando a História Cultural como um dos enfoques possíveis para o historiador que se depara com uma realidade social a ser decifrada, utilizaremos em algumas ocasiões a expressão empregada no singular como ordenadora desta dimensão complexa da vida humana. Trata-se no entanto de uma dimensão múltipla, plural, complexa, e que pode gerar diversas aproximações diferenciadas (BARROS, 2003, p.03).

A partir desse momento ampliaram-se os objetos que referem-se a cultura, pois além daqueles já presentes nos estudos historiográficos, seja na área das Artes, Literatura ou Ciências, também passou-se por um processo de valorização dos objetos da “cultura material” e os materiais, sejam eles concretos ou não que advém da cultura popular, constituídos no dia a dia das pessoas, na vida cotidiana e que tem como atores, pessoas dos mais diversos contextos sociais.

De acordo com Roiz (2007) a História Cultural passou a olhar e analisar não apenas os sujeitos e agências que produzem a cultura, mas também a forma como ela é transmitida, seja em forma de práticas seja em processos. Assim houve a valorização das diferentes visões de mundo existentes entre as pessoas, dos diferentes dos de vida existentes entre os grupos sociais, as ideais, valores,

movimentos, e aproximando-se da História das Mentalidades houve ainda a possibilidade de estudar os modos de pensar e de sentir e se tornam coletivos.

Para Barros (2003, p.04) “estes inúmeros objetos da História Cultural – distribuídos ou partilhados entre os cinco eixos fundamentais acima citados [...] têm constituído um foco especial de interesses da parte de vários historiadores do século XX” e por isto, os pesquisadores tem estudado sujeitos, padrões, práticas, objetos culturais e processos diversos.

Para Chartier (1990) a história cultural tem na noção de representação um dos seus principais alicerces, sendo que “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler”. Essas representações estão ligadas com os as questões que envolvem poder e dominação, são produzidas no cotidiano da sociedade, de acordo com os diferentes interesses sociais, as resistências, motivações e necessidades do ser humano.

1.2 As Festividades Brasileiras

As festas são uma forma de expressão que existe na história da humanidade, com características diferenciadas e importância variada em cada povo. Muitas dessas festividades têm ligação direta com a religiosidade existente no país, esta que também é marcada pelas diversidades existentes entre os povos que colonizaram o país (indígenas, negros e brancos). De acordo com Prado (2008, p.171):

a festa possibilita aglutinar diversos grupos sociais, como faz a religião. Mesmo quando não é uma comemoração de origem religiosa, a festa possui certas características que a aproximam da religião. A forma como as pessoas nela se manifestam lembra muitas vezes – e como algumas pessoas acreditam – o transe ou a comunicação com o divino.

As festividades demonstram-se uma forma de expressão dos grupos sociais, envolvendo elementos do sagrado (religioso) e também do profano, já que para muitas pessoas essas festas servem apenas para o prazer, diversão e a possibilidade de ganhar dinheiro através do comércio e do movimento gerado por essas festas, não envolvendo o elemento de fé e devoção.

Segundo Pimentel (1997) as festas de igreja, por exemplo, são muito comuns no Brasil, possuindo suas próprias rotinas, símbolos, a presença do sagrado e do profano. Estas, como é o caso das congadas, possuem pessoas da sociedade que são responsáveis por sua organização, aqueles conhecidos como festeiros e que passam seu cargo de ano em ano para outras famílias que irão ter essa responsabilidade de preparar a festa de determinado santo ou santa. Em geral, a pessoa que se dispõe a ser um festeiro tem uma ligação profunda com o que essa festa representam, principalmente em relação ao santo homenageado.

Para Prado (2008) as festas são um importante elemento da cultura do povo brasileiro, representando suas diversidades e considera:

A cultura não seria algo restrito ao imaterial ou ao material, mas, a fusão e complexidade de ambos frente a constante transformação de seus símbolos, a partir de um determinado nível de desenvolvimento psico-social e de técnicas de produção. Tudo isso considerando que toda criação do homem – e, portanto, sua produção de modo geral – é fruto do seu imaginário social, de sua vivência e de sua visão de mundo e, portanto, construídas a partir da sociedade em que vive e interage (PRADO, 2008, p.170).

Nesse sentido, a cultura popular brasileira tem ligação direta com festividades, hábitos, tradições, crenças, saberes populares, que revelam-se de formas diferenciadas, como é o caso de danças, celebrações, ritos, fazendo pensar que qualquer lugar possui um processo de significação, fazendo com que ele seja diferente de qualquer outro, tendo sua identidade e sendo capaz de fazer com que uma pessoa tenha um sentimento de pertencimento em relação a ele. De acordo com os autores:

ais práticas exercidas no cotidiano da comunidade vêm consolidar referência a um grupo ou a uma comunidade em uma região. Assim, quando falamos das estas culturais inseridas no Brasil, surgem saberes peculiares que atravessaram muitas existências das comunidades nas suas práticas simbolizadas nas comidas, no artesanato, na música, na dança, celebrações e demais manifestações culturais (CRUZ et al, 2008, p.02-03).

Essas festividades são reflexo da formação étnica do país, pois a história e a cultura dos diferentes povos que constituíram a base de colonização do país, possibilitam que diferentes características, costumes e formas de pensamento

fossem inseridas em um único espaço, em todos os níveis e classes sociais. Negros, brancos e indígenas possibilitam um alicerce etnográfico comum a todo o território brasileiro, fazendo com que suas tradições religiosas e culturais se proliferassem pela sociedade brasileira e deixassem expressões que podem ser vistas até os dias de hoje (CRUZ et al, 2008).

As festas e celebrações estão contidas nas relações sociais, criam simbologias e fazem parte da cultura popular. Segundo Carvalho (2007, p.64):

as manifestações culturais estão no centro do espaço ocupado hoje pelos estudos folkcomunicaçãois. A partir deste diagnóstico inicial, as mesmas podem ser entendidas como formas de expressão da cultura de um povo, constituindo movimento de determinada cultura, em época e lugar específicos.

Diante de tal passagem fica evidente como as manifestações culturais são a maneira como a sociedade se expressa, envolvendo a subjetividade de pessoas e grupos, demonstrando a forma como pensam, aquilo que desejam, as mudanças que querem desenvolver, entre outras questões.

As diversidades étnicas existentes no país fazem com que diferentes culturas se encontrem e com isto o povo brasileiro desenvolveu diferentes formas de celebração, seja em forma de rituais, datas comemorativas, festividades, enfim, há uma rica manifestação cultural a ser conhecida e valorizada. Para Mafessoli (2002) essas diversidades são um rico campo a ser explorado, já que:

pode-se dizer que o fato culinário, o jogo das aparências, os pequenos momentos festivos, as deambulações diárias, os lazeres não podem ser considerados elementos sem importância ou frívolos da vida social. Expressão das emoções coletivas, eles constituem uma verdadeira “centralidade subterrânea”, um irreprímível querer viver, que convém analisar (MAFESSOLI, 2002, p.45).

Cada povo, cada grupo social busca formas diferenciadas, de viver, de comunicar-se entre si e com outros povos. É um tipo de comunicação simbólica que de acordo com Moesh (2002) está presente em todas as sociedades, expressa na música, no turismo, através do esporte, do consumo, enfim, das inúmeras práticas que fazem parte de uma determinada realidade social. Em muitos casos, os costumes existentes são festejados, ou seja, há um processo de celebração para os

mesmos, como acontece, por exemplo, com o Natal (25 de dezembro) e São João² (24 de junho).



Figura 1: Celebração da Festa de Natal

Fonte: Disponível em < <https://www.viannavillage.com.br/dicas-para-preparar-a-festa-de-natal-para-toda-a-familia/> Acesso em 24 de novembro de 2018.



Figura 2: Festa de São João

Fonte: Disponível em <<https://viagemeturismo.abril.com.br/materias/as-cinco-maiores-festas-juninas-do-brasil/>>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

² A Igreja Cristã, no entanto, designa 24 de junho como o dia de festa em homenagem ao mártir cristão São João Batista e celebra a Véspera de São João e o Nascimento de João Batista (Disponível em <<https://www.momondo.com.br/discover/artigo/melhores-festas-juninas-brasil>>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

Essas manifestações culturais resultam de diferentes formas de interação social e oposições que configuram-se no espaço e no tempo. Para Carvalho (2007, p.66) “com o passar inevitável dos tempos, traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas nas diferentes sociedades e isto acontece porque a cultura não pode ser tratada como algo estático e as manifestações culturais também não.

É preciso considerar que as festas sempre fizeram parte da vida do homem e de acordo com Beltrão apud Trigueiro (2007, p.107) “é por meio dessas manifestações que a sociedade homenageia, honra ou rememora personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais se identifica”. Em muitas dessas festividades unem-se traços de diferentes etnias, fazendo com que haja variedade culinária, musical, religiosa, etc. em um mesmo espaço. Essa situação é muito clara, por exemplo, na festa do Bonfim³ que acontece na Bahia:



Figura 3: Festa do Bonfim

Fonte: Disponível em <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/bonfim-recebe-maior-festa-de-fe-e-sincretismo-religioso-da-bahia/>>.. Acesso em 24 de novembro de 2018.

Dentro desse contexto propõe-se uma análise sobre a festa das congadas em Urutaí-GO, festa essa que faz parte da história e cultura dessas pessoas, tendo seus rituais, a fé, devoção, a representatividade não apenas para as pessoas que dela participam, mas também para aqueles que a prestigiam anualmente.

³ O culto ao Nosso Senhor do Bonfim começou em 1745, quando a imagem do santo foi trazida pelo capitão Português Teodósio Rodrigues de Farias cumprindo uma promessa que fez depois de ter sobrevivido a uma forte tempestade. As homenagens, no entanto, iniciaram de fato em 1754, ano em que a imagem foi transferida da Igreja da Penha, em Itapagipe, para a sua própria igreja, construída na Colina Sagrada (Disponível em <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/bonfim-recebe-maior-festa-de-fe-e-sincretismo-religioso-da-bahia/>>. Acesso em 27 de novembro de 2018).

Propõe-se assim no próximo capítulo lançar um olhar sobre as Congadas de Urutaí (GO), uma festividade secular que faz parte da história e da cultura dessa cidade e que por isto, precisa ser valorizada, pois também é um elemento que faz parte da identidade local, envolvendo várias pessoas que lutam por sua perpetuação para as próximas gerações, não apenas pela cultura que representa, mas, acima de tudo pelo fator religioso envolvido.

2 AS CONGADAS DE URUTAÍ-GO

Neste capítulo pretende-se conhecer o que são as congadas, como elas surgiram, se popularizaram e chegaram ao município de Urutaí (GO), onde busca-se fazer apontamentos em torno da importância dessa festividade para a cultura e sociedade local.

2.1 O Que São as Congadas

As chamadas congadas, de acordo com o autor Tinhorão (1988), é uma festa folclórica de cunho religiosa afro-brasileira, contando uma história marcada por canto, danças com a encenação da coroação dos reis africanos do Congo. Nesse aspecto explica:

Os primeiros registros de congadas são do período colonial: as primeiras manifestações de coroação de reis negros teriam sido realizadas com os reis de Angolano, século XVII, e tal prática teria sido realizada por escravos e forros no XVI em Lisboa. O surgimento da eleição do rei e da rainha congos liga-se à representação política e simbólica do rei do Congo, promovida em 1551, pelo rei português D. João III em Portugal. (TINHORÃO, 1988, p.42).

Através dos registros históricos das congadas vimos que ela teve início no período colonial ainda com a presença dos reis angolanos escravos a partir da devoção de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, como se pode perceber:

Há algumas lendas ou histórias contadas pela maioria dos congadeiros sobre a origem das danças em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Uns contam que a Virgem do Rosário apareceu em uma gruta; outros dizem que apareceu no mar e o padre e as pessoas do local tentaram levar a imagem para a igreja. Várias tentativas foram feitas, entretanto a estátua desaparecia do altar e voltava para o lugar onde estava antes. Homens vestidos de Congos e outros de Moçambiques fizeram uma procissão e, cantando e dançando até a igreja, levaram a imagem, colocando-a no altar. A efígie não mais voltou para a gruta, ou para o mar. (VASCONCELOS, 2007, p. 39)

A aparição da Santa e a escolha dela pelos negros contribuíram para que eles pudessem ver nisso um símbolo de resistência ao sofrimento imposto

pela escravidão e a luta para que esta situação tenha um fim com sua ajuda. A força desta lenda foi ganhando cada vez mais adeptos com suas músicas e danças, fazia que eles pudessem de alguma forma aclamar para a liberdade. Interpretar o mito desta festa é muito importante para o resgate do contexto histórico da época do surgimento da congada.

A congada é uma mescla de culto católico com africanos, num movimento de devoção e sentimentos, mas também de um ritual da cultura popular, num ritual que envolve danças, músicas, coroação, novenas, cultuando a Santa Nossa Senhora do Rosário ao lembrar-se do momento de dificuldades enfrentadas, de luta, escravidão e do período colonial. Sabemos que a congada é uma expressão de fé com luta social se expressa se à liberdade de um povo ao lembrar-se de suas origens. Assim, precisamos entender como essa festa é organizada para melhor compreender sua origem histórica:

Interpretar a festa de Nossa Senhora do Rosário implica entender como interage o mito fundacional e o conjunto de eventos formais que devem ser obedecidos para que os louvores sejam aceitos pelos santos padroeiros. É preciso compreender como se relaciona mito e rito, pois a santa só aceita as louvações se estas forem executadas seguindo determinados princípios organizados justamente em função do mito. É a atualização anual do mito através do ritual que concede à congada a possibilidade de constantes reelaborações na contemporaneidade. (SILVA, 2008, p. 04).

Interpretar esta festa é saber que ele está presente na memória de um indivíduo e que é passado para seus familiares através da conservação cultural e com isso uma comunidade poderá reviver este mito anualmente através da representação feita por um povo que conservará esta devoção como uma tradição cultural de uma cidade, de um povo. Muitas vezes não pararam para analisar suas origens e porque ela ainda continua sendo celebrada, podemos ler na citação abaixo um pouco de seu começo:

Os africanos, quando chegaram ao Brasil, passaram a conviver com diversos grupos sociais - portugueses, crioulos, indígenas e africanos originários de diferentes partes da África. Nesse caldeirão social tentaram garantir a sobrevivência, estabelecendo relações com seus companheiros de cor e de origem, construindo espaços para a prática de solidariedade e recriando sua cultura e suas visões de mundo. Dessa maneira, integraram as irmandades católicas, praticaram o islamismo e o candomblé e reuniram-se em batuques e capoeiras. Com isso, os africanos influenciaram profundamente a sociedade brasileira e deixaram contribuições importantes para o que chamamos hoje de cultura afro-brasileira. (MATTOS, 2007, p. 155).

Sabe-se que, com a chegada dos africanos ao Brasil e veio também sua cultura, suas memórias e aqui, juntamente com os portugueses e indígenas houve uma mistura de culturas, assim os africanos se juntaram as irmandades católicas, e desse *hibridismo cultural* nasceram contribuições de festas e eventos que influenciaram grandemente a cultura brasileira, com isso estas festas e costumes passaram a fazer parte da história do Brasil. Percebemos que os costumes africanos cultuados no Brasil no sentido de manter cultura para que ela não viesse a ser esquecida. Assim, evidencia se que o povo africano foi trazido da África trouxe com eles os seus costumes a sua história que, mesmo distante resolveram não deixa ser esquecida no sentido de continuar mantendo e reconstruindo a própria identidade:

A congada surge no Brasil constituindo um importante elemento cultural, com o papel de manter (reconstruir) a identidade dos negros brasileiros. Tendo como dramatização principal a representação de uma cerimônia de Coroação dos Reis do Congo, o festejo ocorre mediante uma teatralização com danças e cantigas. (RABAÇAL, 1976, p.09).

Como já foi dito, os descendentes africanos conservam a cultura a partir do momento em que se junta com o catolicismo para que sua cultura fosse mantida e sempre reconstruída “[...] como eram manifestações profundamente enraizadas nas práticas cotidianas da população, não restou alternativa à Igreja que incorporou a sua Liturgia”. (FERREIRA, 2005 p. 24). A festa que reuni momentos religiosos com uma procissão e uma dramatização teatral contando a história durante essa dramatização tem músicas cantadas juntamente com uma corte de vassalos que ao chegar à igreja há uma coroação do rei congo. Uma tradição mantida para que sua história não fosse esquecida em suas origens e que sua descendência pudesse conhecer suas origens e cultura. Sendo assim, a tradição:

A tradição aparece como um porto seguro. É importante para a comunidade da população negra, não somente no Brasil, mas em todos os países com a presença de negros vindos da diáspora africana. A tradição é um dos fatos que continua os ligando uns aos outros. (RODRIGUES, 2007, 47)

A tradição continua mesmo em outra terra vivendo juntamente com um povo com outros costumes mantendo viva e ao mesmo tempo influenciando a cultura da qual começara a fazer parte mostrando a riqueza cultural de um povo que não quer perder

sua identidade como nos explicam Martins e Sales (2005) que “através desse ‘teatro de rua’, eles estabelecem de certa forma os vínculos com a ‘terra mãe’ por intermédio dos antepassados, simbolizados e encarnados na figura dos reis congos”. (MARTINS e SALES, 2005, p. 85). Essa representação é preparada durante um ano pela comunidade, que se organiza em um sistema hierárquico, ou seja,

No sistema rigidamente hierarquizado de um terno de congos, o comando é entregue a um capitão. Sob suas ordens e podendo eventualmente substituí-lo durante os ensaios ou as saídas do terno, estão os suplentes. Esse nível de comando, capitão-suplente, costuma ser segundo e, em certos casos, um terceiro e mesmo um quarto. Eles também podem ser chamados de capitães- suplentes. O grosso da tropa de um terno é formado de soldados, conhecidos entre si mesmo mais como brincadores. Entre os soldados há uma hierarquia menos definida. (BRANDÃO, 2004, p. 76)

Um sistema organizado em torno dessa festa cultural, realizada a cada ano. O chamado terno se organiza com seus componentes para apresentar em forma de devoção, uma mistura de reza, roupas enfeitadas, organizada como se fosse um reino, e assim tambores, apitos e chocalhos dão o ritmo às danças aos cantos. O início da festa é aguardado e se dá através de uma alvorada na qual é anunciado o desfile teatral. Sobre essa questão Paes (1989) ressalta que outros rituais também ocorrerão conforme a citação abaixo:

O ritual religioso consta de Alvorada realizada pelos ternos de folia, novena onde é rezado o terço pelos devotos de Nossa Senhora do Rosário, levantamento das bandeiras (Nossa Senhora do Rosário e São Benedito) e queima da fogueira, celebração da missa e procissão, culminando com a escolha e coroação do festeiro do ano seguinte. (PAES, 1989, p. 143)

O ritual continua com um café da manhã, uma missa e, em seguida os ternos caminham nas ruas dançando e cantando. O conjunto de ritos desde a alvorada até o término da festa na Igreja com o coroamento do rei do congo representa “para os dançadores de Congo, devoção e festa estão indissolúvelmente ligadas [...]” (MENDONÇA, 1999, p. 159). Uma expressão cultural em forma de devoção que ainda podemos ler nas palavras de Brandão:

Todo terno dança, canta com acompanhamento de caixas e tambores. A todo o momento, são eles que marcam o ritmo dos passos da dança. Fora o capitão e alguns suplentes todos os soldados tocam uma caixa, um tambor maior, sustentado com um dos braços e tocando fortemente com a outra mão, ou um tambor menor, que pode podem chegar às dimensões de um pequeno instrumento retangular, semelhante a um mais pelas dimensões do que pela forma. (BRANDÃO, 1985, p. 102)

Nota-se que o trajeto organizado pelos ternos de congo é uma manifestação de fé comemorando e lembrando suas origens, devoção aos santos que são tidos como padroeiro do evento. Os ternos de congo mais conhecido é o chamado Moçambique, devido ao fato de que quando a Nossa Senhora do Rosário surgiu dentre as águas não acompanhava ninguém, mas quando veio o Moçambique ela submerge e os acompanha até a capela.

Ao sair da igreja eles não dão as costas para a santa, com isso o conhecido terno de Moçambique é visto como o terno da guarda real. Há outros ternos que surgem em cada cidade onde é realizada a festa com seus nomes em homenagem aos santos, com suas roupas coloridas e seus instrumentos marcantes para o uso da dança, da música em louvor a sua devoção. Cada terno possui sua Irmandade com seu território para encontros.

Fica evidente que a conhecida festa dos congos em louvor a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário é uma festa marcada por uma história cultural de influência marcante na sociedade brasileira. Percebe-se que Igreja Católica a adotou e seus rituais marcantes como a dança seguida de batuques, bandeiras ternos de colorido contando uma história, seus súditos, sua rainha e princesa e a coroação do Rei Congo são valores que tem passado de geração a geração.

Interpretar o rito seguido na festa também é importante, saber como se dá a dança cheia de cores e a música com seus batuques para que os santos padroeiros recebam é relevância para compreender os sentidos desta festa e o significado para aqueles que ainda guardam esta tradição de maneira devota. Esta festa é de grande relevância em todo o país, mas estaremos focando nos acontecimentos ocorridos no estado de Goiás e na cidade de Urutaí.

2.2 A Festa dos Congos em Goiás

O povoamento do estado de Goiás aconteceu com a chegada dos bandeirantes a procura e exploração de ouro, com isso vieram os negros escravizados para o trabalho. Estes negros trouxeram com eles os seus costumes e, um deles, a festa das congadas, e assim, a devoção pelos santos negros passou a ser forte, a representação e organização da festa os faziam lembrar, de acordo com Souza suas origens, isto é:

A estrutura das festas organizadas pelos negros africanos parecia reproduzir, em Goiás, uma realidade vivida por eles na África. A recriação de personagens como reis, rainhas e governadores nas congadas de Goiás poderia despertar certo desejo nos povos negros em reconstruir aquela realidade simbólica da festa na Cidade de Goiás. (SOUZA, 2001, p. 100)

Em Goiás a estrutura da festa foi a cada dia mais ficando forte e sendo reproduzida para outras cidades do interior. Nos dias atuais a festa tem a participação de brancos e negros numa interação social e cultural para a reconstrução de história. A devoção à Senhora do Rosário, na opinião de Deus e Silva (2002) não ficou somente nas congadas, ela também é venerada em outros ritos, pois:

Há uma variedade de ritos aplicados para a homenagem à Senhora do Rosário: novenas, procissões, Congadas, Cavalhadas... Variedades também são as cidades que comemoram essa infinidade de festa: Goiás, Pires do Rio, Ananguera, Caiapônia, Luziânia, Jaraguá, Catalão, entre outras. (DEUS e SILVA, 2002, p. 47)

A Congada é uma tradição que ocorre em um país. E uma festa trazida pelos negros africanos para que sua história cultural não fosse esquecida e que ao ser celebrado em forma teatral ganhou adeptos e acabou sendo adotada pela igreja Católica com isso ganhou mais uma celebração que vai desde a Alvorada à Missa com uma coroação. Esta festa tornou se conhecida como Congada em várias cidades brasileira:

Desta forma, a rememoração de tais tradições é mais do que a nostalgia ancestral, sendo também a rememoração da violência e do jogo de negociação desde sempre em cena. A memória de tais práticas religiosas possibilita nos presentes arranjos social a legitimação de práticas e a sobrevivência de identidades e valores. (LEONEL, 2009,32)

Estas memórias são celebradas em especial no estado de Goiás como uma tradição cultural e social, temos cidades goianas que preserva essa tradição, ou seja, a festa dos congos tendo seus ternos e sua organização local. Este trabalho em especial à festa dos congos realizada na cidade de Urutaí Goiás, da qual é realizada anualmente possuindo dois ternos de congos.

Com isso vemos que a cultura dos afrodescendentes teve sua identidade preservada ao longo dos anos juntamente com o reforço dos santos católicos. Hoje vê-se que a cultura da festa das congadas é celebrada em outras cidades, pode-se ver que ela também é praticada anualmente com uma irmandade bem organizada com seus ternos.

2.3 A Festa das Congadas em Urutaí – GO

De acordo com a carta escrita pelo senhor Antônio Teixeira Duarte (José Padeiro- em anexo) em 1920, as congadas iniciou-se no ano de 1916 em Urutaí (GO) quando este chega à cidade com sua família e amigos de Campos Gerais, estado de Minas Gerais. O senhor Amasílio⁴ afirma participar das festividades de congos desde os seus quatorze anos e relembra “anoite estamos sentados no banco, acabamos de rezar o terço [...] me entregou o apito, a caixa dele”, momento em que ele passou a ser um dos que comandam a festa das congadas em Urutaí, ele ainda afirma que o primeiro capitão, o fundador das congadas no município foi o senhor Antônio Teixeira Duarte, conhecido como José Padeiro.

Segundo Flávia (2009), em 1926 o Sr. José Padeiro começa a treinar alguns de seus amigos baianos para festejar a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, no ano de 1929 houve a primeira festa destinada aos santos e por problemas na organização somente em 1933 foi programada uma nova festa.

⁴ Amasílio Araújo, 88 anos, entrevista realizada em 12 de novembro.

Em 1978, funda-se a associação “Congo, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito”, e a partir de então todos os anos a festa é realizada. E, a partir de 2003 a organização da festa passou a ser feita pela Paróquia do Bom Jesus, com o apoio dos Congos, festeiros e colaboradores da cidade. (FLÁVIA, 2009, p. 41)

Ainda de acordo com a carta escrita pelo senhor Duarte em 1920, quando chega o mês de outubro, a festa de Nossa Senhora do Rosário “transforma a vida dos moradores de Urutaí, no interior de Goiás”. É a Congada ou Festa de Nossa Senhora do Rosário, que durante onze dias acontece na cidade de Urutaí. Atraída pela fé nos Santos, muitos moradores são mobilizados, para ritos religiosos havendo missa e procissão, e de acordo com a referida carta tanto zona rural quanto as cidades vizinhas, se preparam para a chegada das congadas. A organização da festa começa muitos meses antes, os festeiros, padre e ternos se juntam para arrecadarem alimentos para ser feita as refeições, que na mesma acontece. No dia marcado, em outubro, mas não há data certa, iniciam-se com a Alvorada, sempre numa sexta-feira às 05h00minh (cinco horas) da madrugada, os dois ternos de Congos, Coroa de Ouro e Canário Amarelo para o levantamento de um mastro enfeitado com bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia (foto 1), reúnem nos barracões onde ensaiam e partem para a porta da Paróquia do Bom Jesus de Urutaí-Go, tocando seus instrumentos tais como tambores, caixa, reco-reco, violão, cavaquinho, acordeom e pandeiro.



Foto 1: Bandeiras dos Santos reverenciados nas festas
Fonte: Site da Prefeitura de Urutaí (GO), 2018.

Durante os dois últimos dias de festa em que os Congos andam fardados (uniformizados) pelas ruas (foto 2), que são domingo e segunda-feira, visitam devotos, sendo recebidos por eles. Estes beijam as bandeiras dos ternos, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia que são carregadas pelos coroinhas, são tocadas pelas fitas e roupas dos dançadores, que representa sinal de humildade e devoção.



Foto 2: Foliões pelas ruas

Fonte: Site da Prefeitura de Urutaí (GO), 2018.

Nesses dias é oferecido café da manhã, almoço, jantar para atender os congos visitantes e convidados de outras irmandades, casais de festeiros, familiares, entre outras pessoas. Sempre acontece de alguém da comunidade urutaína oferecer alguma refeição ou café da manhã em sua residência aos ternos para pagar promessas ou por tradição.

Os ternos de congo são compostos por Rei, Rainha, General, 1º Capitão, 2º Capitão, 1º Sargento, 2º Sargento, Cabo e Soldados. Nesse sentido, destaca que “os reis perpétuos são substituídos após sua morte ou desistência quando muito idosos ou adoentados, neste caso eles próprios nomeiam seu sucessor” (FLAVIA, 2009, p. 10). Foi o que ocorreu com o Rei José Joanas Paulino e posteriormente com o Rei João Vaz Eduardo, o que teve o reinado mais longo, desde os meados dos anos 50 até 1993, sendo substituído pelo atual Rei Miguel Antônio de Souza.

A festa da congada em Urutaí acontece anualmente geralmente no mesmo período do ano. Esta festa foi fundada pelo senhor Jose Padeiro sendo assim o primeiro rei congo, papel este que é de organizar e de escolher quem serão os capitães, as rainhas e como será o terno de cada grupo, o rei do congo escolhe e organiza onde será servido o café da manhã logo após a alvorada. Foi o senhor Jose Padeiro quem escolheu as cores dos ternos que é camisa verde com saia amarela. O próximo rei congo foi o senhor João Vaz que ainda vivo passou seu reinado para o atual rei o senhor Miguel.

Hoje a festa da congada possui dois ternos o Canário Amarelo e Coroa de Ouro, indagado o motivo da divisão a resposta foi que podem existir dois ternos ou mais desde que tenha componentes para compô-lo, o rei serve para os dois ternos diferenciando apenas os capitães que comanda a congada dando as ordens das danças e outros comandos necessários.

A alvorada começa com o levantamento das bandeiras da Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, normalmente na alvorada a congada toca a noite toda e ao amanhecer é oferecido um café da manhã organizado pelo rei congo. Nos últimos dois dias de festa a congada dança numa procissão pela cidade tendo seu desfecho com o a coroação do rei congo marcando o final da festa. Esta coroação segundo o rei é uma maneira de agradecer e se despedir da Santa. Neste dia de coroação o rei se veste a caráter, o capitão chama os dançadores e pede perdão e os dançadores também o pede perdão se despedindo para o próximo ano.

Atualmente o Rei congo é Miguel Antônio de Souza, o general Amasilio Araújo, o primeiro capitão, Guiomar Garcia Rosa / Coroa de Ouro e o segundo Capitão Jeferson Alves Mendes/ Coroa de Ouro. Esses “cargos” são escolhidos dentro do próprio grupo de acordo com a tradição dentro da festividade. No caso da escolha do rei do congo, por exemplo, ela era tradicionalmente feita seguindo um ritual religioso presidida por um padre, eram pessoas que assumiam deveres dentro da comunidade composta da corte festiva, esse rei no dia da festa se vestia com vestes enfeitadas e uma coroa.

Cada um dos primeiros trazia na cabeça uma coroa de papel colorido e dourado. O Rei estava vestido com uma velha roupa de cores diversas, vermelho, verde e amarelo, manto, jaleco e calções. Trazia na mão um cetro de madeira, lindamente dourado. A rainha envergava-se com um vestido de seda azul, da moda antiga. (CASCUDO, 2003.p.73)

Mesmo com o passar do tempo este ritual não mudou o rei e coroadado e passa a organizar toda a festividade recolhendo mantimentos e escolhendo a data da festa dentre outros deveres e na coroação ele se veste com toda honra de um rei com muita cor e brilho. Na festividade da congada em Urutaí o rei congo Miguel Antônio de Souza em uma entrevista conta como foi sua escolha para rei e ele afirma que “recebi o reinado do rei João Vaz ele passou para mim ainda vivo, fui rei novo porque desde criança participo e danço. Tomo conta dos dois ternos e da organização da festa” (Miguel, entrevista, outubro, 2018).

Em entrevista com o senhor Amasilio Araújo que é o general das congadas de Urutaí, onde ele afirma:

Desde pequeno danço congo e ainda novo recebi o bastão para ser capitão das congadas, fui capitão durante muitos anos, hoje em dia tem muitos jovens que dança desde pequeno e as mulheres que hoje são um numero grande começou quando seus pais faziam promessas para que elas pudessem cumprir dançando e assim hoje elas são um numero quase do mesmo tanto que os homens. Hoje a congada teve muitas mudanças antes às coisas eram mais severas tinha a maneira de dançar com parada em cada esquina tudo isso e comandado pelo capitão. Quem toma conta dos ternos e o capitão, ele que diz como dançar e organiza tudo (Amasilio, entrevista, outubro, 2018)

O entrevistado ainda fala da questão familiar envolvida na festa, relembrando a época em que faltaram dois elementos da festa e quando seus dois cunhados chegam ao lugar onde estava tendo um ensaio, um cantor e um sanfoneiro, ele os convida para participar da festa e assim, vão sendo compostos os ternos, pela fé, devoção e também pelo parentesco entre os tocadores.

Em Urutaí esta festa desenvolve a partir de 1978 e ate neste ano de 2018, onde esta pesquisa tem um enfoque histórico, mostrando não somente a parte do lazer, mas de uma sociedade envolvida em uma expressão de fé representando um aspecto cultural importante devido pessoas irem ate a cidade para acompanhar as festividades e se divertir com as noites de missas e festas.

A alvorada com asteamento das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário (igreja – foto 3), São Benedito e Santa Efigênia acontece com muita música, danças, fogos “[...] abrindo a celebração da festa, os fogos anunciavam a partida dos cortejos processionais, mas também a sua chegada à igreja ou à praça onde se davam os principais eventos da festa” (DEL PRIORE, 2000, p. 38).



Foto 3: Igreja de Nossa Senhora do Rosário
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

De acordo com o senhor Amasildo a festa é uma celebração da fé “pois todo mundo se junta porque tem fé nos santos, porque quer demonstrar sua fé, sua devoção” e afirma que a divisão dos ternos do congos é algo natural, porque a festa não precisa de um número específico de ternos e ainda afirma “como ninguém é pago, todo mundo que quer participar, pode participar, não tem ninguém que é proibido e isso é bom pra festa”.

As bandeiras em louvor aos Santos ficam hasteadas durante todo o período da festa numa verdadeira demonstração de fé e devoção, mostrando a força do folclore regional na cidade de Urutaí. Durante toda madrugada da alvorada a congada dança e canta pela cidade em louvores aos Santos festejados (foto 4):



Foto 4: Terno dos Congos
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Dessa forma é preciso exaltar como as congadas vem exaltar o poder do corpo, a forma como ele pode expressar as emoções daqueles que participam da festa, e assim através de movimentos básicos, mas carregados de significados os dançadores demonstram sua fé e devoção. Para Mauss (1974) apud Prado (2008, p.13) “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo”.

Durante os dias a seguir da Alvorada há missas e terços acompanhada de festas todos os dias, no sábado e domingo a congada volta a cantar, dançar em um entusiasmo contagiante em reverência aos santos festejados. Na foto 5 pode-se observar a referência a questão da religião dentro da festividade com as imagens carregadas pelas meninas que referem-se a entidades católicas:



Foto 5: Presença de Imagens de Santos Católicos carregados pelos congos
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

O senhor Amasílio afirma que existe apenas um “rei congo” para os dois ternos e a única coisa que diferencia esses ternos é a cor das calças, mas que não é algo impositivo, já que se o terno quiser, pode ter o seu próprio “rei”, porém, precisa ser alguém que tem tradição nas congadas, já de “idade” e assim que seja respeitado pelos outros participantes.

O cortejo segue pelas ruas até a noite onde é celebrada uma missa, os ternos entram na igreja com suas vestes coloridas e seus batuquese suas coreografias cantando com muita devoção e fé (foto 6).



Foto 6: Imagem da missa e dos ternos com seus batuques
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

A participação feminina também é outro elemento que precisa ser exaltado dentro das festividades. As mulheres ocupam diferentes cargos na festa, desde a organização, mas, principalmente a frente dos ternos, no cargo de princesas (foto 7). Essa princesas, em geral, são filhas ou parentes de outros participantes dos ternos de congos.



Foto 7: Princesas dos Ternos nos Congos
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

A participação da mulher hoje na congada é muito grande como o capitão Amasilio explicou na entrevista, antes elas dançavam para cumprir um voto hoje elas participam não somente como princesas, mas também como dançarinas. De acordo com Prado (2008) essas mulheres participam das congadas seja trabalhando ou integrando os ternos de congo, tocando instrumentos, dançando ao ritmo dos

congos, além de “gostarem da exposição pública a que são submetidas durante o desfile” (PRADO, 2008, p.160).

Uma das participantes do terno “Coroa de Ouro⁵”, afirma que a participação das mulheres nas congadas sempre foi algo importante, mas que também foi se modificando com o passar dos anos, já que “as mulheres tem tido mais espaço, são mais valorizadas, principalmente pelos homens” e o fato de estarem a frente dos ternos já demonstra que elas tem papel primordial nessa festividade.

Há alguns anos, o rei possuía vestes mais simples, mas que condizia sua autoridade:

Seus insígnias incluíam, entre outras coisas, um chapéu, um tambor, um bracelete de cobre ou marfim, a bolsa dos impostos e um trono em forma de banquinho quadrado – objetos que simbolizavam sua posição de primeiro senhor do reino e detentor de um 36 poder supremo que o separava dos demais homens. Uma etiqueta complexa salientava a preeminência e o caráter singular do soberano. (VANSINA, 2010, p. 651).

Hoje as vestes reais estão mais glamorosas onde o rei com sua rainha entram na igreja vestidos a caráter sem perder o colorido original símbolo de autoridade dessa organização cultural tão relevante para a cultura e historia de um povo. Em Urutaí temos o rei Miguel que na foto 8 está vestido com suas vestes reais símbolo da devoção e fé de um povo que são repassadas para todos os outros.



Foto 8: Rei Miguel
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

⁵ I. V. M. (49 anos). Entrevista realizada em 10 de novembro de 2018.

A entrega da coroa representa o terceiro grande cortejo de toda Festa. Em Urutaí acontece na segunda feira, onde na coroa os ternos cantam e dançam num cortejo pelas ruas da cidade e com a participação de todos os devotos acontece a coroação. A despedida foi explicada pelo general Amasilio que descreve como o capitão chama os componentes e pede perdão e os congos também pede perdão para o capitão e para os Santos em reverência ao temor de não os ter agradado. A despedida (foto 9) marca o fim da festa que acontece também com músicas.



Foto 9: Despedida dos ternos
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Fica claro que a festa da congada vem da tradição deixada pelos escravos em busca de liberdade e esperança passando essa manifestação cultural de pai para filho para que não perdessem sua identidade e hoje essa manifestação de fé é levada a diante em cada cidade que os afrodescendentes quiseram guardar na memória toda historia de seu povo. A memória de uma tradição forte na cidade de Urutaí e que tenta permanecer forte entre as pessoas ano após ano, levando a cultura, a identidade e a devoção de pessoa que acreditam nessa festividade e em tudo o que ela representa em sua história.

LISTA DE FONTES

- Amasílio Araújo – 88 anos. Entrevista realizada em 12 de novembro.
- I. V. M. – 49 anos. Entrevista realizada em 10 de novembro de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As congadas uma festa cultural de origem afrodescendente que vem a cada ano ganhando notoriedade e adeptos que não são de origem negra que tem uma devoção a Senhora do Rosário. Desde que vieram para o Brasil os negros africanos não queria esquecer suas origens sua história e para isso começaram a celebrar a festa das congadas relembrando a devoção aos seus Santos protetores. Com a ajuda da igreja Católica a festa ganhou ainda mais um ritual e adeptos não negros em suas celebrações.

Hoje esta festa não tem as mesmas características das vistas em sua origem, pois houve muitas mudanças ate mesmo na maneira de dançar as vestimentas e na dramatização, que esta não tem mais o cortejo e feito com danças, cantos ao som dos instrumentos e roupas coloridas que ainda dão um encanto todo especial para as coreografias. Mesmo com grandes mudanças ela não deixou de ser uma festa que encanta a muitos talvez seja por seu anseio de liberdade e de esperança ela vem mobilizando sociedade com sua fé e devoção. Esta festa e popular em todo o Brasil e em alguns estados ela e tradicionalmente mais forte sendo celebrada de ano em ano passada de pai para filho.

Neste trabalho procuramos pesquisar não somente a origem das congadas em geral, mas partimos para compreender como ela chegou à cidade de Urutaí Goiás da qual ela faz parte da história dos moradores daquela cidade. Essa tradição foi fundada em Urutaí com a esperança de liberdade com suas cores e cantos transmitida de geração a geração passada de pai para filhos.

Analisando o surgimento dessa festividade, seu percurso histórico, as pessoas que dela participam e aqueles que a prestigiam fica evidente que as congadas são uma representação não apenas dos povos africanos, mas é um elemento presente na cultura do povo de Urutái, que exalta sua história, que representa sua fé e devoção, mas, acima de tudo evidencia a luta para que uma parte da história desse lugar não se perca, para que seja conhecida pela sociedade, compreendida pelos cidadãos e repassadas a outras gerações, perpetuando-a para o futuro e assim, valorizando-a um elemento constituinte da identidade dessas pessoas.

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getulio Vargas, 2004.

As 7 melhores festas juninas pelo Brasil. Disponível em <<https://www.momondo.com.br/discover/artigo/melhores-festas-juninas-brasil>>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

BARROS, José D'Assunção. **História cultural: um panorama teórico e historiográfico.** 2003. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/277241420_Historia_Cultural_um_panorama_teorico_e_historiografico>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

Bonfim recebe maior festa de fé e sincretismo religioso da Bahia. Disponível em <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/bonfim-recebe-maior-festa-de-fe-e-sincretismo-religioso-da-bahia/>>. Acesso em 27 de novembro de 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Peões, Pretos e Congos.** Relações de Trabalho e identidade étnica em Goiás. Brasília: Editora da UNB, 1977.

_____. **De tão longe eu Venho Vindo:** símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia-GO: Editora da UFG, 2004.

CARVALHO, Samanta V. C. B Rocha. "Manifestações Culturais" In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções Básicas de Folkcomunicação.** Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro.** Vol.1 – 9ª ed. São Paulo: Global, 2003.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais In **A História Cultural** – DIFEL, 1990.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. **Festas culturais: tradição, comidas e celebrações.** 2008. Disponível em <http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais_mercia.pdf>. Acesso em 24 de novembro de 2018.

DEUS e SILVA. **História das Festas e religiosidade em Goiás.** Goiânia-GO: Agepe/ UEG 2002. (Coleção História de Goiás).

DUBY, Georges. "Problemas e Métodos em História Cultural" in **Idade Média, Idade dos Homens – do Amor e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FLÁVIA, MARIA FÁTIMA. **A inserção do capitalismo na festa do Rosário.** Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio, Monografia de História, 2009.

FEREIRA, Maria Nazareth. **As Festas Populares na expansão do Turismo – experiência italiana.** São Paulo: Arte e Ciência, 2005 - p.24.

FRADE, Cássia; FRIAS, Lena; SALES, Vicente. **Brasil: Festa Popular.** Rio de Janeiro, Livroarte, 1980.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio e Janeiro: LTC, 2008.

GULLAR, Ferreira. Cultura Popular e Cultura e Nacionalismo. **Arte em Revista**, n.03, São Paulo: Kairós, 2002.

LEONEL, Guilherme Guimarães. **Entre a Cruz e os Tambores: Conflitos e Tensões nas Festas do Reinado**, 2007. 74 f. Dissertação de (Mestrado) _ Pontifícia Universidade Católica. Minas Gerais, 2007.

LUCAS, Glauro. **Os sons do Rosário.** O Congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e Cultura Afro-brasileira.** São Paulo: Contexto, 2007.

MELLO, Vico Denis S. de; DONATO, Manuella Riane A. O Pensamento Ilumista e o desencantamento do mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático. **Revista Crítica Histórica**, Ano II, Nº 4, Dezembro/2011.

MENDONÇA, M. L. Martins de. **Dançadores do Rosário.** O Caminho Cultural dos Sujeitos. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1999. (Tese de doutorado) p. 159

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Editor Contexto, 2007.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico.** São Paulo: Contexto, 2000.

NORA, Pierre. Entre historia e memória: a problemática dos lugares. In. **Revista Projeto Historia.** São Paulo: 1993.

PAES, Iranilda Divina Resende. **Folclore Piresino.** Goiânia-GO: Kelps, 1989.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Pássaros da liberdade: jovens, judeus e revolucionários no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2000.

RABAÇAL, Alfredo João. **As Congadas no Brasil.** In: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura. São Paulo 1976.

PRADO, Patrícia do. **Congada:** cultura popular e dança na festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário Catalão-GO IN CARMO Luiz Carlos do; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. As congadas de Catalão: as relações, os sentidos e os valores de uma tradição centenária. Catalão: Universidade Federal de Goiás – Campos Catalão, 2008.

PIMENTEL, Sidney Valadares. **O chão é o limite**: a festa de peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

RODRIGUES, Ana Paula Costa. **Corporeidade, cultura e territorialidades negras: a congada em Catalão – Goiás**. Goiânia: Dissertação de Mestrado do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da UFG, 2008.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: brasiliense, 2006.

SILVA, Marco Antonio Roxo da. **Thompson/Williams: para uma história cultural da comunicação**. Disponível em <<http://www.utp.br>>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

SILVA, Maria do Rosário de Medeiros . **Rezar, curar**: um caso de persistência cultural no Seridó. Disponível em <<http://www.cerescaico.ufrn.br>>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

SILVA, Renata Nogueira. **A festa da Congada: a tradição ressignificada**. In: Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro-BA. 2008. pp. 1-13

SOUZA, Antônio Rocha de. **As irmandades católicas dos negos na cidade de Goiás no século XIX. 2001**. Dissertação Mestrado-PUC-Goiás.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **Os Sons dos Negros no Brasil**. Cantos, Danças Folgadas: Origens. São Paulo: Editora 34, 2008.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. **Revista Internacional De Folkcomunicação**. Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Ano III, Número 5 - Junho/2005.

VASCONCELOS, Juliana de. **Congado: Uma Celebração do Hibridismo Afro-Brasileiro**. Rio Verde de Três orações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Minas Gerais, 2007. 74 f. Dissertação de Mestrado.

VANSINA, Jean. **A África equatorial e Angola: as migrações e o surgimento dos primeiros Estados**. In NIANE, DjibrilTamsir (org). História Geral da África IV: África do século XII ao XVI. Brasília: UNESCO, 2010.

VANNUCCHI, Aldo. **Conceitos de cultura**. Disponível em <<http://pt.shvoong.com>>. Acesso em 19 de novembro de 2018.